

Salvador Bahia, ela e eu

Este é um conto
muito bonito
e simples

É meu primeiro conto
é o mais longo
que escrevi

Meu projeto ambicioso
minha consagração

Usei
mais palavras do que nunca.
Imitei
grandes escritores
como Bocaccio,
César Aira,
Clarice Lispector,
Cecilia Pavón,
Gabriela Bejerman
e Paulo Coelho

Antes de escrevê-lo
tinha muito medo
de cair em algo superficial
frívolo ou idiota
ou de não me sair bem

Mas acho que me entreguei
integralmente
a ele.

Jamais havia entrelaçado
tantos personagens
tantas situações,
relações, ações, suspense.

Foi difícil pra mim
manter o fio pra que se entenda
algo tão longo.
Também me custou conjugar os verbos
e encontrar adjetivos apropriados.

Agradeço à vegetação brasileira
que foi minha inspiração.

Também aos coqueirais,
à funcionária linda
que limpava o quarto
e à noite em que eu
caminhava com Gabriela
por esse caminho tão tenebroso
e que descíamos
pelo penhasco
de mãos dadas
com dois jovens desconhecidos
que apareceram no escuro.

Estou muito emocionada
e sinto
uma vertigem imensa
ao apresentar este conto
que escrevi pra todos os meus amigos
e minha família.

Também temo
um pouco
que ninguém goste dele
mas acho que
adorarão
os personagens
e espero que se identifiquem
com eles.
Por exemplo:
Luana
a jovem mais bela
que caiu no lago
de tanto olhar-se nele.

Deus me dê mais ideias
pra continuar escrevendo
e pra abrir as portas
da excitante realidade...
Beijos gostosos na praia,
lambidas de tetas, sorvetes,
sucos de abacaxi,
goiaba e vodca.

Entardeceres junto com Cecilia,
Chachacha,
dormir embaixo de um tule branco
espreitadas por centopeias gigantes,
baratas, mosquitos
e lagartixas.

A paixão, o amor
e a praia
são os temas
que retornam
sucessivamente
ao conto.

Que lindo é escrever!

E me sentir vibrar
e ter medo
e deslizar
por este fio esguio
como um fio de costura
bem fininho
e tenso.
Um fio invisível.

Já estou tão perdida
todas essas palavras
me deixam tonta
mas mesmo assim me divirto
e volto a sentir
a confiança
de estar entregue
além disso
sou boa.

Amor, amor, amor!

As cenas na praia
são reais
não são fantasia.

Aconteceram na viagem
Que fiz com as meninas
Gaby e Ceci
À Bahia de todos os Santos.

O lance do topless
e do cara
que se masturbava
atrás das pedras
também é verdade.

Como também é realidade
o encontro íntimo

que tive
com ela,
minha Deusa
incrível.
Virgem sempre
para sempre
e desde sempre,
minha divina,
alucinante
mãe e amante,
amiga,
Deusa,
minha Rainha.

A que me faz
me apaixonar,
me entregar,
escrever e ver
a bela realidade.

O marco rochoso
do encontro,
sob o céu
estrelado.

Sua aparição
tão natural
vestida de celeste
com esse manto brilhante
que caía em dobras
desordenadas.

Jamais sonhei
um encontro
tão espontâneo.

Eu
sentada
olhando o mar e a lua
de uma fortaleza
tão velha.

Sentada em cima
de um canhão oxidado
caído sobre
a grama.

E de repente...

– Você tem fogo?

E eu
já sabia.
E antes de me virar
já sabia!
já sabia!

Comecei a tremer
e meus olhos marejaram
e eu não queria olhar.

Não queria.
Não queria que chegasse
o momento tão esperado
durante esses longos 26 anos.

Anos nos quais
havia imaginado o encontro
repetidamente.
Havia sonhado
com detalhes precisos
e, às vezes, até
havia me assustado.

Fogo?

Fogo sentia
meu coração.
Na realidade
eu estava toda acesa.
Meu rosto estava corado,
minhas mãos inchadas de tanto calor.

Fogo?
Ela fumava?
Estaria usando jeans?

Me deleitei
nesses 40 segundos,
acho,
repetindo essa frase
de frente pra trás,
com todas as entonações.

Imaginei paisagens,
coisas lindas nevadas,

viagens de bicicleta e de avião,
gaivotas, olhares penetrantes,
estrelas molhadas de beijos,
velocidades extremas e...
ao amor, ao amor, ao amor!

Quase durmo
ou desmaio.

Ela havia aparecido!

O que mais eu podia pedir?
O que mais?

Acho que
me lembrei
de tudo que
mais amo neste mundo
porque pensei
que quando a visse
automaticamente,
iríamos
ela e eu
a uma viagem eterna
às praias do paraíso

Ela e eu
mas logo iriam também
Gabriela e Cecilia.

*

Salvador Bahía, ella y yo

Este es un cuento
muy bonito
y simple.

Es mi primer cuento
es lo más largo
que he escrito.

Mi proyecto ambicioso,
mi consagración.

He usado
más palabras que nunca.
He imitado
a grandes escritores
como Bocaccio,

César Aira,
Clarice Lispector,
Cecilia Pavón,
Gabriela Bejerman
y Paulo Coelho.

Antes de escribirlo
tenía mucho miedo
de caer en algo superficial
frívolo o tonto
o de no poder lograrlo.

Pero creo haberme entregado
íntegramente
a él.

Jamás había entrelazado
a tantos personajes
tantas situaciones,
relaciones, acciones, suspenso.

Fue difícil para mí
mantener el hilo para que se entienda
algo tan largo.
También me costó
conjuguar bien los verbos
y encontrar los adjetivos apropiados.

Le agradezco a la selva brasilera
que fue mi inspiración.
También a las palmeras,
a la empleada hermosa
que limpiaba la habitación,
y a la noche que
caminábamos con Gabriela
por ese camino tan tenebroso
y que bajamos por
el acantilado
de la mano
de dos jóvenes desconocidos
que aparecieron de lo oscuro.

Estoy muy emocionada,
y siento
un vértigo inmenso
al presentar
este cuento
que he escrito
para todos mis amigos
y mi familia.

También temo
un poco
que a nadie le guste
pero creo que
adorarán

a los personajes
y espero que se identifiquen
con ellos.

Por ejemplo:

Luana
la joven más bella
que se cayó al lago
por tanto mirarse en él.

Dios me dé más ideas
para seguir escribiendo
y para abrir las puertas
de la excitante realidad...

Ricos besos en la playa,
lamidas de teta, helados,
refrescos de abacaxi,
guayaba y vodka.

Atardeceres junto a Cecilia,
Chachacha,
dormir bajo un tul blanco
acechadas por ciempiés gigantes,
cucarachas, mosquitos,
y lagartijas.

La pasión, el amor
y la playa
son los temas
que vuelven
una y otra vez
al relato.

¡Qué lindo es escribir!

Y sentirme estallar
y tener miedo
y deslizarme
por este hilo delgado,
como un hilo de coser
bien finito
y tenso.
Un hilo invisible.

Ya estoy tan perdida
todas estas palabras
me marean
pero igual me divierto
y vuelvo a sentir
la confianza
de estar entregada,
aparte
soy buena.

¡Amor, amor amor!

Las escenas en la playa

son reales
no son fantasía.

Sucedieron en el viaje
que hicimos con las chicas
Gaby y Ceci
a Bahía de todos los Santos.

Lo del topless
y lo del chico
que se hacía la paja
detrás de las rocas
también es verdad.

Así también es realidad
el encuentro íntimo
que tuve
con ella,
mi Diosa
increíble.
Virgen por siempre
para siempre
desde siempre,
mi divina,
alucinante
madre y amante,
amiga,
Diosa,
mi reina.

La que me hace
enamorarme,
entregarme,
escribir y ver
la bella realidad.

El marco rocoso
del encuentro,
bajo el cielo
estrellado.

Su aparición
tan natural
vestida de celeste
con ese manto brillante
que caía en pliegues
desordenados.

Jamás soñé
un encuentro
tan espontáneo.

Yo
sentada
mirando el mar y la luna

desde la fortaleza esa
tan vieja.

Sentada encima
de un cañón oxidado
arrumbado sobre
el pasto.

Y de repente...

-¿Tenés fuego?

Y yo
ya lo sabía.
Y antes de darme vuelta
iya lo sabía!
iya lo sabía!

Empecé a temblar
y mis ojos a mojarse
y no quería mirar.

No quería.
No quería que llegase
el momento tan esperado
durante esos largos 26 años.

Años donde
había imaginado el encuentro
una y otra vez.
Lo había soñado
con detalles precisos
y hasta a veces
me había asustado.

¿Fuego?

Fuego sentía
mi corazón.
En realidad
yo estaba toda encendida.
mi rostro estaba rojo,
mis manos hinchadas de tanto calor.

¿Fuego?
¿Ella fumaba?
¿Estaría vestida de jeans?

Me deleité
esos 40 segundos,
creo,
repitiendo esa frase
de adelante para atrás,
con todas las entonaciones.

Me imaginé paisajes,

cosas hermosas nevadas,
viajes en bicicleta y en avión,
gaviotas, miradas penetrantes,
estrellas mojadas de besos,
velocidades extremas y ...
¡al amor, al amor, al amor!

Casi me quedo dormida
o desmayada.

¡Ella había aparecido!

¿Qué más podía pedir?
¿Qué más?

Creo que
recordé
todo lo que
más me gusta de este mundo
porque pensé
que cuando la viese
automáticamente,
nos iríamos
ella y yo
en un viaje eterno
a las playas del paraíso

Ella y yo
pero también irían luego
Gabriela y Cecilia.

A dona de casa

A dona de casa
estava cansada
tantas caçarolas
tantas taças

No domingo se levantou
cansada
fazer o suco
e arrumar as camas.

Trabalho duro
a deixa farta
lava a bancada
mas voltam
as baratas.

A dona começou a descobrir

que a casa era malvada
lavava o piso
e ela o sujava.

Neste domingo
ao abrir a janela
descobriu a dona
que em vez de dona
era uma escrava.

Observou o mate com fungos
que na noite passada havia lavado,
olhou os vidros sujos
que com o pano havia limpado.

Seus olhos revelaram
um brilho estranho vermelho,
a dona pensou que a casa
era uma batalha.

Mesmo estando cansada
foi ao supermercado de manhã
e encheu o carrinho
com artigos de limpeza.

Ao voltar pegou várias calcinhas
e as transformou em flanelas,
calçou as chinelas
e começou a batalha.

A dona disse:
– Eu sou humana
e mais inteligente
que a casa,
nesta limpada
ninguém me ganha

Esfregou, esfregou a casa
esfregou a bancada,
esfregou as janelas.
Esfregou o piso, o espelho, os sapatos.

Acabou com as baratas
e com os produtos vencidos
dos quais, os primeiros a cair
foram os condimentos.

E ela repetia:

– Nesta batalha
ninguém me ganha.

Esfregou, esfregou, esfregou tanto
que a casa ofegava
se escutava lá fora
um gemido de extasiada.

As janelas se ampliavam
e encolhiam
e as cortinas pouco a pouco
se baixavam.

A casa se entregava
às mãos da dona.
Com as calcinhas rendadas
poliu as caixinhas
de madeira
com pedras incrustadas.

A casa com as persianas estendidas
tocava as nuvens,
sua pele de tijolo aparente
se umedecia a cada roçada
que produzia a dona.

Dona morena
de cor castanha
com cara angulosa
e mãos de aranha.

Deu aos cantinhos
que estão atrás das coisas
o que mereciam.
Afastou a geladeira,
desmontou o forno.

– Ai, dona!
Suas mãos de rainha
farão vacilar meus cimentos,
mas a batalha
será minha
quanto mais me esfrega
mais te enfeitiço
mais me apodero de sua alma.

Com os dedinhos
cheios de farpas

e os cotovelos arranhados
de tanto se jogar no chão,
a dona começou a perceber
seu inútil limpar
a casa era velha
e dar brilho custava.

Com suas últimas forças
ao cair da tarde
começou a esfregar a cama
de madeira branca laqueada
e ao esfregar os pezinhos
a cama suspirava.

Pensou a dona em voz baixa:
– Que tipo de cama
é esta que fala?

Esfregou então o encosto
pintado de flores rosadas
e a cama brilhava raivosa
mas não pelo brilho do verniz
uma luz ela emanava.

– O que é esta luz
que sai da minha cama?

Sacudiu o colchão
arejou os lençóis
e ao arrumar a cama
viu os olhos de Deus
que a olhavam
através da trama.

Era Deus transformado em umidade.

A dona cheirou os lençóis
e disse:
– Esses lençóis estão sujos!
A lavá-los!
A trocá-los!

Lavou os lençóis à mão
e de noite os pendurou.
Quando a família voltou
do clube exclamou:
como a casa está limpa!

Mas a dona lhes disse:

– Não!

Que limpa que nada!

Ainda falta muito

e hoje não entra

ninguém da família

Todos para a casa

da vó Ana!

Sozinha na noite

se deitou no piso

de cerâmica marmorizada

pra descansar um pouco.

A luz da lua entrava
vestida de virgem.

Ela pousou

do lado esquerdo

da dona

e acariciou suas mãos,

fechou seus olhos

e beijou seus lábios.

– O que é que está acontecendo comigo?

Quem é esta luz

que entra pela janela?

Do piso nem se moveu

por medo de afugentá-la

O som dos grilos

eram estrelas no teto

– O que está acontecendo

Quem é esta luz que me arrebata?

Com decisão e coragem

se levantou a dona

para ver se a luz

a seguia até a cama.

Na cama limpa

ela se deitou

sem avental

nem nada.

As cortinas

se abriram sozinhas

e a luz chegou

até a cama.

Era uma luz lençol fresco
que sem proteger
a cobria

Este é um conto muito antigo
e Deus é a encarnação
do velho,
é o tempo que suja tudo,
é a morte das estrelas.

A casa se suja
e por isso existe uma dona
que a limpa
e a esfrega.

Por isso existem mãos
e todos os utensílios
e eles se sujam.
É o beijo insistente de Deus
que tudo arruína
para que a dona
com seus dedinhos cuidadosos
conserte.

O mundo é uma casa
de objetos quebrados,
as coisas caem,
as chaves se perdem,
as pessoas morrem,
a comida apodrece.

Esfrega a Rainha da criação
cada dia as ruas,
embeleza o jardim
e enterra nossos mortos!

*

La ama de casa

La ama de casa
estaba cansada
tantas cacerolas,
tantas tazas.

Se levantó el domingo

cansada
hacer el jugo
y tender las camas.

Trabajo duro
la tiene harta
lava la mesada
pero vuelven
las cucarachas.

Empezó a descubrir la ama
que la casa era mala,
lavaba el piso
y ella lo ensuciaba.

Ese domingo
al abrir la ventana
descubrió la ama
que en vez de ama
era una esclava.

Observó el mate con hongos
que anoche había lavado,
miró los vidrios sucios
que con el paño había limpiado.

Sus ojos dejaron ver
un brillo extraño rojo,
la ama pensó que la casa
era una batalla.

A pesar que estaba cansada
fue al super por la mañana
y llenó el changuito
de artículos de limpieza.

Al volver tomó varias bombachas
y las convirtió en franelas,
se calzó las chinelas
y comenzó la batalla.

La ama dijo:
–Yo soy humana
y más inteligente
que la casa,
en esta limpieza
nadie me gana.

Frotó, frotó la casa
frotó la mesada,
frotó las ventanas.
Frotó el piso, el espejo, los zapatos.

Arrasó con las cucarachas
y con los productos vencidos

de los cuales, los primeros en caer,
fueron los condimentos.

Y ella repetía:
–En esta batalla
nadie me gana.

Frotó, frotó, frotó tanto
que la casa jadeaba
se escuchaba desde afuera
un gemido de extasiada.

Se agrandaban
y achicaban las ventanas
y las cortinas de a poco
se bajaban.

La casa se entregaba
a las manos de la ama.
Con las bombachas caladas
pulió ella las cajitas
de madera
con piedras incrustadas.

La casa con las persianas extendidas
tocaba las nubes,
su piel de ladrillo a la vista
se humedecía con cada frote
que producía la ama.

Ama morocha
de tez castaña
con cara angulosa
y manos de araña.

Le dió su merecido
a los rinconcitos
que están detrás de las cosas.
Corrió la heladera,
desarmó el horno.

–¡Ay, ama!
Tus manos de reina
harán flaquear mis cimientos,
pero la batalla
será mía
cuanto más me frotas
más te embrujo
más me apodero de tu alma.

Con los deditos
llenos de astillas
y los codos raspados
de tanto tirarse al piso,
la ama comenzó a percibir

su inútil limpiar,
la casa era vieja
y darle brillo costaba.

Con sus últimas fuerzas
al caer la tarde
comenzó a frotar la cama
de madera blanca laqueada
y al frotar las patitas
la cama suspiraba.

Pensó la ama en voz baja:
–¿Qué clase de cama
es esta que habla?

Frotó luego el respaldo
pintado de flores rosadas
y la cama brillaba rabiosa
pero no por el brillo de la laca
una luz ella emanaba.

–¿Qué es ésta luz
que sale de mi cama?

Sacudió el colchón
ventiló las sábanas
y al tender la cama
vio los ojos de Dios
que a través de la trama
la miraban.

Era Dios hecho humedad.

La ama olió las sábanas
y dijo:
–¡Estas sábanas están sucias!
¡A lavarlas!
¡A cambiarlas!

Lavó las sábanas a mano
y en la noche las colgó.
Al volver la familia
del club exclamó:
¡qué limpia está la casa!

Pero la ama les dijo:
–¡No!
¡Qué limpia ni nada!
A la casa le falta
y hoy no entra
mi familia
¡todos a la casa
de la abuela Ana!

Sola en la noche

se tiró en el piso
de cerámica jaspeada
a descansar un momento.

La luz de la luna entraba
vestida de virgen.
Ella se posó
del lado izquierdo
de la ama
y acarició sus manos,
cerró sus ojos
y besó sus labios.

—¿Qué es esto que a mí me pasa?

¿Quién es esta luz
que entra por la ventana?

Del piso ni se movió
por miedo a ahuyentarla.
El sonido de los grillos
eran estrellas en el techo.

—¿Qué pasa?
¿Quién es esta luz que me enamora?

Con decisión y coraje
se levantó la ama
para ver si la luz
la seguía hasta la cama.

En la cama limpia
se acostó ella
sin delantal
ni nada.

Las cortinas
se abrieron solas
y la luz llegó
hasta la cama.

Era una luz sábana fresca
que sin abrigar
la tapaba...

Este es un cuento muy antiguo
y Dios es la encarnación
de lo viejo,
es el tiempo que todo lo ensucia,
es la muerte de las estrellas.

La casa se ensucia
y por eso existe una ama
que la limpia
y que la frota.

Por eso existen manos
y todos los utensilios
y estos se ensucian.

Es el beso insistente de Dios
que todo lo estropea
para que la ama
con sus deditos cuidadosos
lo arregle.

El mundo es una casa
de objetos rotos,
las cosas se caen,
las llaves se pierden,
las personas se mueren,
la comida se pudre.

¡Frota la Reina de la creación
cada día las calles,
embellece el jardín
y entierra a los muertos!